



4473 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT06 - Educação Popular

OS EDUCADORES SOCIAIS E A EDUCAÇÃO POPULAR: entre a teoria e a prática
Levi Nauter de Mira - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/PROEX

OS EDUCADORES SOCIAIS E A EDUCAÇÃO POPULAR: entre a teoria e a prática

RESUMO

O texto inspira-se na pesquisa de doutorado, ainda em andamento, que está sendo feita com educadores e educadoras sociais, trabalhadores no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, no município de Novo Hamburgo/RS. Com característica qualitativa, baseia-se em pesquisa documental, entrevistas e em observações participantes a fim de entender como se concebe a prática pedagógica em espaços não escolares, no contexto das políticas de assistência social. O recorte escolhido centra-se na estrutura de trabalho dos educadores. Faz-se um breve cotejamento entre a pedagogia social e a educação popular, duas teorias que se ocupam da educação para além da escola. Verificam-se distanciamentos e aproximações entre o que se lê na teoria e o que se vê na prática.

Palavras-chave: Educadores Sociais. Educação Social. Pedagogia Social. Educação Popular. Políticas de Assistência Social.

Introdução

Os educadores e as educadoras sociais que atuam no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos (SCFV) do município de Novo Hamburgo/RS são os sujeitos essenciais da pesquisa de doutorado em andamento no PPG de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Embora o SCFV abranja todos os ciclos de vida, a pesquisa trabalha com a faixa-etária de crianças e adolescentes. O texto centra-se nos aspectos mais gerais do campo da assistência social, ambiente em que eles e elas atuam visando ao fortalecimento de vínculos familiares e/ou comunitários das famílias em atendimento na chamada proteção social básica (BRASIL, 2014).

A educação não escolar (MOURA; ZUCHETTI, 2006) é uma nomenclatura utilizada na pesquisa no lugar de educação não formal. A instituição governamental ou não governamental, para realizar o SCFV, deverá cumprir alguns protocolos, algumas formalidades para, inclusive, posterior prestação de contas. Ademais, o termo educação não escolar pode ter o efeito de “descolamento” da escola regular, formal, e como que liberar os educadores e as educadoras sociais a fazerem atividades outras que não aquelas que facilmente se encontrariam no espaço escolar. Exemplificando: o jogo de cartas UNO não vale nota, não ‘passa’ nem ‘roda’ ninguém; mas serve para lidar com a boa convivência entre os participantes, interessa à aprendizagem de que cada um tem sua vez de fazer uma jogada e se presta ao aprendizado de que nem sempre se ganha. Nessa atividade lúdica o trabalho do educador ou educadora poderá ser o de perceber as mais diversas reações das crianças e adolescentes e, ao mesmo tempo, considerar outras possibilidades de brincadeiras/jogos que estimulem a convivência e a retomada ou fortalecimento dos vínculos tanto com o grupo quanto com os demais componentes da comunidade.

Um dos desafios, porém, é sabermos como os gestores públicos estão pensando a estrutura que ao fim tornará o convívio e o vínculo fortes a ponto de, quiçá um dia, não mais haver necessidade do serviço.

Olhares teórico-metodológicos

Metodologicamente fez-se pesquisa documental a fim de juntar o conjunto normativo para posterior análise: a Política Nacional de Assistência Social (além do Plano Municipal), a Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS, a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, entre outros. Mas também houve visitas ao campo empírico no qual se fez entrevistas semiestruturadas e observações participantes (ANGROSINO, 2009; LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Uma preocupação ética que sempre esteve presente desde as negociações para as observações como também para as entrevistas foi a preservação da identidade dos sujeitos da pesquisa. Um procedimento que contribuiu sobremaneira nesse intento foi a utilização da técnica discurso do sujeito coletivo (LEFÈVRE, 2017), que consiste em juntar depoimentos, a partir de ideias-chaves, reescrevendo-os na primeira pessoa do singular. Cria-se, assim, um ‘eu’ coletivo do qual se faz a análise do conteúdo ou análise do discurso - no caso da pesquisa em andamento. Igualmente com a finalidade de não identificar os sujeitos entrevistados, optou-se por denominá-los como coletivos. Dessa forma, a título de exemplo, os trabalhadores e as trabalhadoras da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social entrevistados foram genericamente denominados *coletivo gestor*; os educadores e as educadoras sociais, *coletivo educador*.

Lidos os documentos normativos e feitas as entrevistas com o coletivo gestor elegeram-se a teoria com a qual se avaliariam a qualidade ou a falta dela na estrutura para o atendimento das crianças e adolescentes. Educação popular e pedagogia social foram as opções. Ambas vêm ocupando as discussões em grupos de pesquisas^[1] que buscam trabalhar com essas teorias. A educação popular é considerada o legado latino-americano para o mundo (STRECK; ESTEBAN, 2013),

enquanto que a pedagogia social – nascida na Alemanha – tem em seu nascedouro a virtude de lidar com aqueles e aquelas que estão à margem da sociedade, com os que estão em situação de vulnerabilidade social (PETRUS, 1997). Ocorre que os estudos que vêm sendo empreendidos permitem que haja um diálogo entre as duas teorias; uma não substitui a outra; cada uma tem a própria trajetória. Para a tese foi escolhida a vertente crítica da pedagogia social que tem na *Escola de Frankfurt a inspiração marxiana que igualmente dialoga com a educação popular. A pedagogia social, à procura de uma identidade brasileira e latino-americana, se achega ao diálogo com a aproximação que faz à obra de Paulo Freire* (RYNNÄNEN, 2014). No entanto, deve-se registrar certa resistência da educação popular em se aproximar da pedagogia social – também denominada como educação social. Não sem razão, uma vez que esta chegou sendo denominada ‘teoria de tudo’ aquilo que já se fazia nessas paragens (SILVA; NETO, 2014).

De um modo geral, as normativas e as teorias se movimentam para um mesmo lugar: proporcionar, ao fim e ao cabo, condições para que o ‘usuário’ das políticas sociais se emancipe, torne-se autônomo, isto é, alcance alguma independência financeira que o tire da invisibilidade, da margem e, finalmente, de programas sociais.

Enquanto a família é acompanhada nos Centros de Referência de Assistência Social através do serviço de proteção e atendimento integral à família, crianças e/ou adolescentes são atendidas no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos por educadores e educadoras sociais (NOVO HAMBURGO, 2017). Em uma das visitas ao campo empírico observou-se um educador social para atender a aproximadamente 80 crianças e adolescentes. A solução encontrada pela Prefeitura foi, considerando a necessidade de pessoal bem como o baixo custo, utilizar-se de estagiários que estivessem cursando alguma licenciatura. Com isso, viabilizou-se a divisão em faixas-etárias e resolveu-se parte do problema. A realidade dessa comunidade fez com que se providenciasse almoço e lanche às crianças, mesmo não sendo a função prioritária do serviço, mas como questiona um entrevistado: “Como a gente não vai resolver um problema que está ali, visível?”. Houve readaptação no horário: antes das 8h às 17h, agora das 9h às 15h. O atendimento, confidenciou-me o *coletivo educador*, não precisaria ser todos os dias da semana, assim é pela realidade daquela comunidade: carência de um espaço socializador, de um lugar que garanta um mínimo alimentar, um ambiente que alimente também com esperança.

Ambas as teorias dão contribuição a quem deseja olhar o fenômeno em estudo. A pedagogia social tem como alvo as pessoas menos favorecidas e a superação da situação de margem a partir da convivência, da sociabilidade. A educação popular, por sua vez, propõe a conscientização e o entendimento de algumas causas desses ‘margementos’, sem descartar a convivência nem a sociabilidade, porém criticando essas categorias, entendendo a realidade em que se está e buscando um inédito que parece viável, um ser mais. Sem descartar a experiência local, a educação popular sugere um movimento em direção a uma outra realidade construída coletivamente.

Considerações possíveis no momento

A pesquisa vem demonstrando que há um mínimo sendo feito. Se de um lado é louvável que o município esteja presente em lugares vulneráveis, há de se reconhecer a precarização do trabalho envolvido nessa tarefa inóspita. Os estagiários que executam o serviço podem migrar para ocupações de rendimentos mais atraentes, o que fragilizaria ainda mais o atendimento. Fragilidade que se estende na formação continuada desses e dessas educadoras. Nos encontros que deveriam ser de reflexão sobre a prática discute-se muito mais estratégias para aplacar as emergências e urgências. As teorias passam longe (ZUCHETTI; MOURA, 2010).

O ideal seria que a categoria de profissão não reconhecida fosse mais ouvida e a ela fossem assegurados momentos de reflexão teórica. Nesse sentido, poderia haver estudos relativos à abrangência da educação popular e da pedagogia social, bem como esforços teóricos para o entendimento das populações que vivem nas periferias da cidade ou àquelas que, mesmo nos centros, estão à margem (TORRES CARRILLO, 2008). Contraditoriamente, ambos estão nas margens – educadores e educandos.

A educação popular ensina a necessidade de reflexão sobre a prática. Reflexão teórica. Não garantir esse espaço ensejará a continuidade da lida com emergências e ao mero atendimento de protocolos. Sem reflexão o que se tem são depósitos de pessoas que passam o dia juntas, com vínculos provisórios.

Referências

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRASIL. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2014 (reimpressão).
- LEFÈVRE, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo**. Nossos modos de pensar, nosso eu coletivo. São Paulo: Andreoli, 2017.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MOURA, Eliana; ZUCHETTI, Dinora Tereza. Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social. **Revista Unisinos de Educação**, São Leopoldo, v. 10, nº 3, set/dez, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6065> Acesso em 20 de janeiro de 2018.
- NOVO HAMBURGO. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. **Plano municipal de assistência social**, 2018.
- PETRUS, Antoni (Coord.). **Pedagogia social**. Barcelona: Editorial Ariel S/A, 1997.
- RYNNÄNEN, Sanna. Os fundamentos de uma pedagogia social crítica. **Revista Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 3, n.1, p. 45-56. Out. 2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3828.2014v3n1p45-56> > Acesso em 20 de janeiro de 2018.
- SILVA, Roberto; NETO, João Clemente de Souza. Prefácio à segunda edição. In SILVA, Roberto; NETO, João Clemente de Souza; MOURA, Rogério Adolfo de. **Pedagogia Social**. 3.ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora, vol. 1, 2014.
- STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- TORRES CARRILLO, Alfonso. Investigar en los márgenes de las ciencias sociales. **Folios**, Bogotá, n. 27, p. 51-62, June 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-48702008000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

ZUCHETTI, Dinorá Tereza; MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. Práticas socioeducativas e formação de educadores: novos desafios no campo social. **Ensaio**: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 66, p. 9-28, jan/mar, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362010000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 20 de janeiro de 2018.

[1] Dentre eles destaco como exemplo o CEPOPES (<https://www.ufrgs.br/cepopes/>); NUPEPES (<https://portal.uepg.br/noticias.php?id=11433>); PIPAS (<http://projetopipasuff.sites.uff.br/category/sem-categoria/>).